

A INSERÇÃO DA CIDADE DE PORTO PRÍNCIPE NO PROCESSO DE ACUMULAÇÃO PRIMITIVA DO CAPITAL

DESROSIERS, Ismane¹

Recebido (Received): 20-02-2019 Aceito (Accepted): 14-06-2019

DOI:

Como citar este artigo: DESROSIERS, I. A inserção da cidade de Porto Príncipe no processo de acumulação primitiva do capital. **Formação (Online)**, v. 26, n. 49, p. 107-195, 2019.

Resumo

Este artigo tem como objetivo analisar, dentro de uma perspectiva espaço temporal, a inserção da cidade de Porto Príncipe na economia mundial durante o processo de acumulação primitiva do capital, especialmente, a partir da colonização francesa de Saint Domingue, o atual Haiti entre os séculos XVII e XVIII. Para isso, procuramos mostrar o papel desta cidade na era do capitalismo comercial entre o centro desse sistema e a sua periferia dominada. Nesse sentido, a análise está estruturada em dois principais eixos: o processo da colonização do Haiti que foi fundamentado na plantation como modalidade do modo de produção capitalista, no trabalho escravo como uma das formas de acumulação primitiva do capital na colônia e o papel da cidade de Porto Príncipe dentro dessa dinâmica. A metodologia que contempla este trabalho baseia-se em fontes bibliográficas, em especial, autores da historiografia social e econômica haitiana.

Palavras-chave: Haiti. Colonização. Acumulação primitiva. Porto Príncipe.

THE ENTRY OF THE CITY OF PORT-AU- PRINCE IN THE PRIMITIVE CAPITAL ACCUMULATION

Abstract

The objective of this article is to analyze, within a temporal space perspective, the insertion of the city of Port-au-Prince into the world economy during the process of primitive accumulation of capital, especially, from the French colonization of Saint Domingue, the present Haiti between centuries XVII and XVIII. To this end, we try to show the role of this city in the era of commercial capitalism between the center of this system and its dominated periphery. In this sense, the analysis is structured in two main axes: the process of Haitian colonization that was grounded in plantation as a modality of the capitalist mode of production, in slave labor as one of the forms of primitive accumulation of capital in the colony, and the role of the city of Port-au-Prince within this dynamic. The methodology that contemplates this work is based on bibliographical sources, in particular, authors of the Haitian social and economic historiography.

Keywords: Haiti. Colonization. Primitive Accumulation. Port-au-Prince.

L'INSERTION DE LA VILLE DE PORT-AU- PRINCE DANS LE PROCESSUS D'ACCUMULATION PRIMITIVE DU CAPITAL

Résumé

L'objectif de cet article est d'analyser, dans une perspective d'espace temporel, l'insertion de la ville de Port-au-Prince dans l'économie mondiale au cours du processus d'accumulation primitive de capital, en particulier de la colonisation française de Saint Domingue, l'actuel Haïti entre siècles XVII et XVIII. À cette fin, nous essayons de montrer le rôle de cette ville à l'ère du capitalisme commercial entre le centre de ce système et sa périphérie dominée. En ce sens, l'analyse est structurée en deux axes principaux: le processus de colonisation haïtienne fondé sur la plantation en tant que modalité du mode de production capitaliste, le travail forcé en tant que forme d'accumulation primitive du capital dans la colonie et le rôle de la ville de Port-au-Prince dans cette dynamique. La méthodologie qui contemple ce travail est basée sur des sources bibliographiques, en particulier des auteurs de l'historiographie sociale et économique haïtienne.

¹ Mestrando em Geografia do Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP), Brasil. Bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Mots-clé: Haïti. Colonization. Accumulation primitive. Port-au-Prince

1 Introdução

Este trabalho tem como objetivo analisar a inserção da cidade de Porto Príncipe, dentro de uma perspectiva espaço temporal no processo da mundialização da economia. Isso tudo, por meio da interdependência das economias nacionais, regionais e locais em todo o mundo através da dinâmica transfronteiriça de bens, serviços, mercadorias, pessoas, tecnologia e capital. Nesse sentido, fazemos ver, no presente artigo, a inserção da hoje metrópole Porto Príncipe nessa mundialização da economia durante o chamado processo de acumulação primitiva do capital (MARX, 1988), especialmente, a partir da colonização francesa da parte ocidental da ilha Hispaniola, qual seja, Saint Domingue, entre 1697 e 1804. Buscamos entender, nessa direção como a história do capitalismo e sua existência até o período atual são definidas pelo artifício de acumulação do capital. Dessa maneira, qual foi a importância da cidade de Porto Príncipe na economia-mundo no período acima mencionado? Nessa dinâmica como essa cidade caribenha contribuiu para o desenvolvimento do capitalismo industrial europeu, especialmente, o da França no século XIX?

A acumulação primitiva do capital, também conhecida como acumulação originária, foi o processo de acumulação de riquezas ocorrido na Europa entre os séculos XVI e XVIII, que possibilitou as grandes transformações econômicas da Revolução Industrial. Foi estudado e descrito por Karl Marx (1818-1883), que tomou a Inglaterra como modelo de sua teoria. A acumulação primitiva do capital segundo o autor se desenvolveu a partir de dois pressupostos. De um lado, foi a concentração de grande massa de recursos (dinheiro, ouro, prata, terras) nas mãos de um pequeno número de proprietários, por outro, foi a formação de um grande contingente de indivíduos despossuídos de bens e obrigados a vender sua força de trabalho aos senhores de terra e donos de manufaturas. Historicamente, isso foi possível graças às riquezas acumuladas pelos negociantes europeus com o tráfico de “escravos” africanos, com o saque colonial e a apropriação privada das terras comunais dos camponeses, com o protecionismo às manufaturas nacionais e com o confisco e venda a baixo preço das terras da Igreja por governos favoráveis ao capital revolucionário. Com o advento da Revolução Industrial, concluiu Marx, a acumulação primitiva foi substituída pela acumulação capitalista.

Por conseguinte, esse fato está presente desde a pré-história do capitalismo, a partir da chamada acumulação primitiva, que foi baseada numa ampla gama de processos violentos e predatórios que deram as condições básicas para o desenvolvimento da produção capitalista

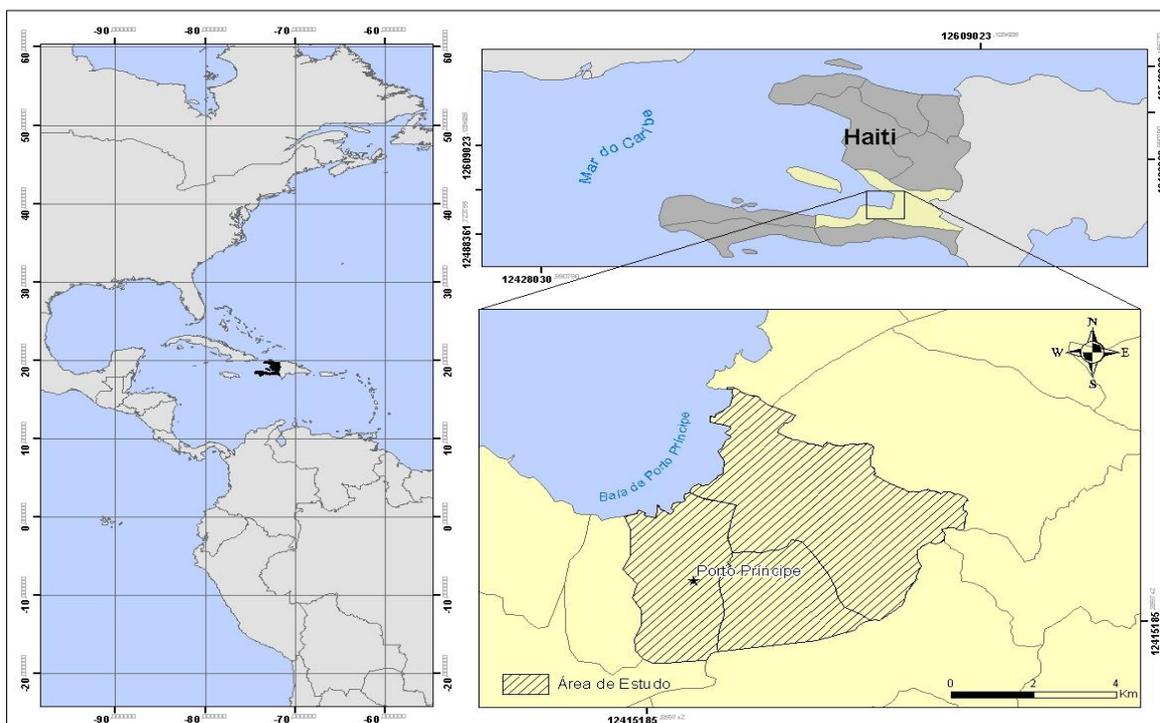
industrial no século XIX. Nesse sentido, para desvendar a violência que vem sendo produzida pelo sistema capitalista, é necessário dar conta de toda sua historicidade nos países do centro deste, a Europa, ao mesmo tempo, na sua periferia dominada, principalmente, a América colonial que dispõem de estoques abundantes de recursos nos territórios próprios tais, como terra e recursos naturais. Conforme aponta Marx (1988) citado por Alfredo (2015), a colonização europeia se põe como um momento de acumulação primitiva para o desenvolvimento do capitalismo industrial europeu:

O sistema colonial fez amadurecer como plantas de estufa o comércio e a navegação. As 'sociedades monopólicas' (Lutero) foram alavancas poderosas da concentração de capital. Às manufaturas em expansão, as colônias asseguravam mercado de escoamento e uma acumulação potenciada por meio do monopólio de mercado. O tesouro apresado fora da Europa diretamente por pilhagem, escravização e assassinato refluía à metrópole e transformava-se em capital. A Holanda, que primeiro desenvolveu plenamente o sistema colonial, atingira já em 1648 o apogeu de sua grandeza comercial. Estava na posse quase exclusiva do comércio das Índias Orientais e do tráfego entre o sudoeste e o nordeste europeu. Sua pesca, a marinha e as manufaturas sobrepujavam as de qualquer outro país. Os capitais da República eram talvez mais importantes que os do resto da Europa em conjunto' Guelich autor citado por Marx esquece de acrescentar: o povo holandês era já em 1648 mais sobrecarregado de trabalho, mais empobrecido e mais brutalmente oprimido que os povos do resto da Europa em conjunto. (MARX, 1988, p. 277 apud ALFREDO, 2015, p. 15).

Porto Príncipe é a maior cidade do ponto de vista demográfico e ao, mesmo tempo, a capital do Haiti. Com efeito, o país possui uma superfície de 27.750 km² dividido em Departamento (ou região), como maior divisão territorial que são dez (10) em número. Sendo estes, o do Norte, Sul, Sudeste, Oeste, Centro, Nippes, Grand' Anse, Artibonite, Noroeste e Nordeste (HAITI, 2003). Nesse sentido, cada um desses Departamentos possui uma cidade regional ou departamental que faz parte do sistema urbano do Haiti em que Porto Príncipe é vista como uma metrópole. Segundo Milton Santos (2010, p. 38), uma metrópole pode ser brevemente definida como o organismo urbano onde existe uma complexidade de funções, capazes de atender a todas as formas de necessidades da população urbana e nacional ou regional. Por essa definição, na visão do geógrafo brasileiro esta última seria realmente metrópole completa. O autor avança no seu argumento sinalizando, que a realidade do mundo em desenvolvimento pode permitir falar, também de metrópoles incompletas. Essas metrópoles, de acordo com Milton Santos (2010) são grandes organismos urbanos em que a maioria de serviços essenciais está presente, mas onde fatores econômicos específicos impedem que se fabriquem bens ou se instalem certos serviços, reclamados por uma parcela da população que está em crescimento. A ausência de indústrias de base é uma dessas carências (SANTOS, 2010, p. 38).

Desse modo, apoiando em Milton Santos (2010), podemos dizer que Porto Príncipe na atualidade é uma metrópole praticamente incompleta devida à falta de acesso aos serviços básicos da maioria de seus moradores. Contudo, a cidade de Porto Príncipe mantenha relações socioeconômicas com outras cidades metropolitanas; promovendo, inclusive, relações recíprocas caracterizadas por fluxos de pessoas, de bens, de informações e de capital entre si. Porto Príncipe nessa direção é o centro em torno do qual desenvolvem essas cidades metropolitanas e irradia as demais cidades regionais do país. Isso significa que a metrópole Porto Príncipe se beneficia uma localização geográfica excepcional; estratégica (HOLLY, 1999) desde a sua fundação no período colonial, que a posiciona enquanto “nó” de ligação entre a parte norte e a parte sul do país como indica no mapa 1.

Mapa 1- Localização do Haiti e da área de estudo



Fonte: IBGE, 2016. Projeção: UTM 18 N. Elaboração cartográfica do autor, 2018.

O mapa 1 apresenta a localização do Haiti e os demais países da América, ao mesmo tempo, a área de estudo. Localizada no Departamento Oeste, segundo dados demográficos do Instituto Haitiano de Estatística e de Informática (IHSI), a cidade de Porto Príncipe conta com uma população de três (3) milhões de habitantes, em 2018. Com efeito, os mesmos dados mostram que a população total do país é estimada em 11 milhões de habitantes no referido ano, portanto a metrópole, por si só, se concentra mais de um terço da população haitiana. Nesse

sentido, do total de 146 cidades que compõem o sistema urbano do Haiti, a cidade de Porto Príncipe destacava-se historicamente e, ainda na atualidade, entre as demais cidades em termos de densidade demográfica. Além disso, a cidade é o centro de tomada de decisões, centro informacional, político, econômico, administrativo, sendo que também, nessa direção, o principal centro de atração de emprego, oportunidades de trabalho, estudos. Isso acelera o processo de urbanização em que, muitos haitianos migraram para a capital e se estabeleceram na região metropolitana de Porto Príncipe em a maioria deles vive em situação de privação no que tange ao acesso aos serviços básicos no espaço urbano da metrópole.

2 O processo de colonização francesa de Saint-Domingue, o atual Haiti (1697-1804)

Entendemos, destacando e situando o nosso estudo de caso, a importância da cidade de Porto Príncipe no interior do chamado capitalismo comercial, sobretudo a partir do processo de colonização da América e, especificamente, da colonização do Haiti. Nesse sentido, frisamos a importância dos impactos da revolução científica na baliza temporal correspondente à 1500 e 1600. De acordo com Colin Ronan (1987), esse período abrange e circunscreve situações relacionadas à exploração geográfica, sofre o impacto e o efeito da invenção da imprensa, da elaboração de mapas, do uso técnico do telescópio, bem como do manuseio da bússola. Em suma, um progresso técnico que se acelera no final da Idade Média, especialmente, por meio do suposto progresso de invenção e de aperfeiçoamento dos navios que levam os portugueses a uma série de viagens de exploração, seguidos pelos espanhóis, pelos ingleses e pelos franceses entre os séculos XV e XVII.

Esses exploradores estão motivados pela curiosidade do humanismo renascentista, mas, também, pela sede do ouro e das especiarias. Comerciantes, banqueiros e governantes europeus figuras estrutura-estruturantes dos nascentes Estados nacionais, quer dizer, cinzas da ordem feudal ligadas à expansão do cristianismo enquanto cobertura ideológica que justifica e legitima a dinâmica fundamentada, entre outros, pela expansão do saber geográfico vinculado aos Estados-Maiores (geopolítica) nas reflexões de Lacoste (1985, p. 251), que se liga, em concomitância, à prática do poder em relação ao espaço. Assim sendo, os europeus se dirigem para o leste do globo durante o século XV. Eles, no limite, acham possível encontrar o caminho para a Ásia contornando o Chifre da África. De todo modo, há suspeitas, que, sim, tem fundamentação técnica, de caminhos para aquilo que é concebido como o Novo Mundo. É nesse contexto que em 1492 os espanhóis, sob a liderança de Cristóvão Colombo, colocam os pés na

intitulado: *The Slave Trade: The Story of the Atlantic Slave Trade, 1440-1870*. O autor mostra, nessa obra em questão como que, por meio do comércio triangular, ocorrido entre os séculos XV e XIX, o capitalismo europeu organiza o mundo entre o centro, a Europa e a periferia dominada, a África e América colonial. Portanto, a partir de 1697, São Domingos, o atual Haiti, se torna uma criação e um laboratório do expansionismo europeu.

A França no século XVII obteve o controle maximizado sobre a parte ocidental da ilha e a transforma na colônia considerada mais próspera da América no século XVIII, por meio da exploração das suas fontes de riquezas em uma dinâmica própria do fenômeno de acumulação primitiva do capital (MARX, 1988). Isso tudo para o desenvolvimento industrial, especialmente, da França e da Europa como um todo, e chegando mesmo no século XIX.

Portanto, no âmbito do chamado processo de acumulação primitiva do capital desvendamos que o ser humano foi desumanizado, isto é, o negro africano, na medida em que a França promulgou, em 1789, a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, em seu artigo 1º estipula o seguinte: "Os homens nascem e permanecem livres e iguais em direitos. [...]". Sem dúvida, esses homens mencionados nessa referida Declaração são, brancos atuando no trabalho livre tanto na França como nas suas colônias inclusive em São Domingos. Entretanto, os negros africanos eram considerados, por esses mesmos sujeitos europeus como escravos e/ou mercadoria coisificada que se vende e que se compra na sua colônia de São Domingos, atual Haiti e em outras colônias na América, como na Guiana francesa. Portanto, em termos teóricos, isso se inscreve na conjuntura do capitalismo comercial. Em sua periferia os efeitos são sentidos de maneira pujante, o que significa, a meu ver, e do ponto de vista moral, a fase mais crítica da história do capitalismo.

Quadro 1- Números de africanos transportados da África para América (1440-1870)

Compradores de "escravos"		As zonas de origens	
Portugal	4.650.000	Senegal, Guiné e Sierra Leone	2.250.000
Inglaterra	2.600.000	Costa de Marfim, Gana	2.750.000
Espanha	1.600.000	Togo, Benin	2.000.000
França	1.250.000	Golfo de Guiné, Nigéria	2.000.000
Holanda	500.000	Gabão, Congo, Angola	4.000.000
Dinamarca e Estados Unidos	400.000	Moçambique, Madagascar	1.000.000
Total	7	Total	13.000.000

Fonte: Hugh Thomas (1997, p. 848-849). Organização dos dados pelo autor, 2018.

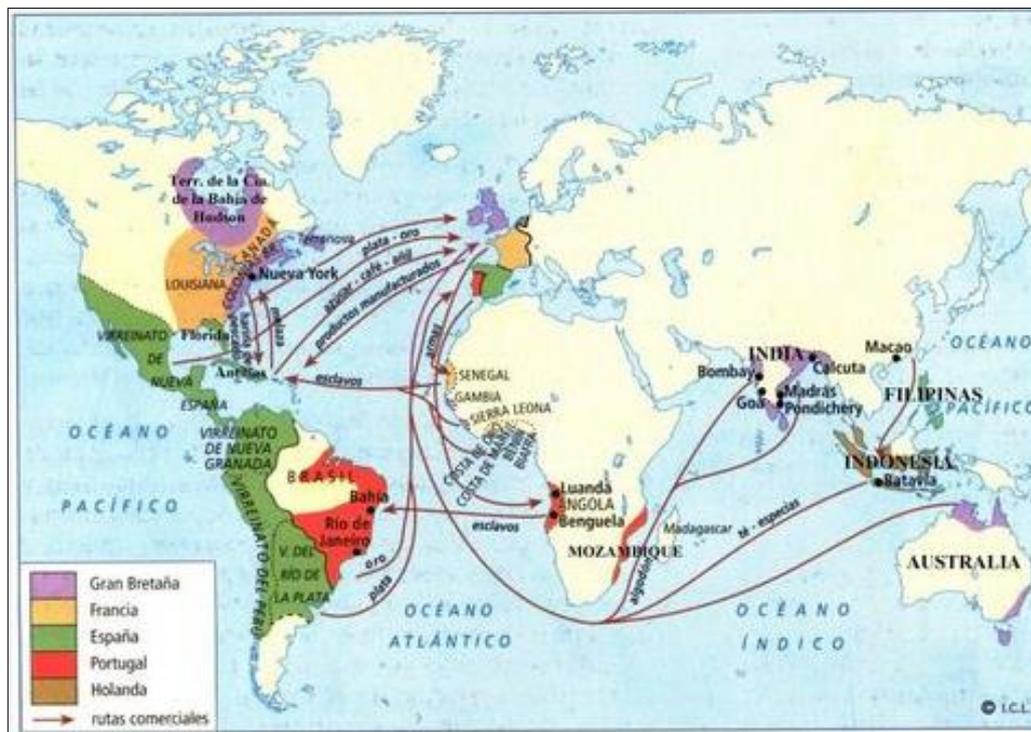
O quadro 1 mostra segundo Thomas (1997), os sete (7) maiores compradores de “escravos” e as zonas de origens, africanos que foram brutalmente arrancados nas suas terras natal durante o período da colonização por meio do comércio triangular como indica o mapa 3. No caso da França, que estabeleceu uma sociedade escravocrata em São Domingos fazia de Porto Príncipe, o lugar de desembarque e venda de “escravos” entre 1503 a 1803 que foram utilizados nas plantations da colônia (BAZABAS, 1997, p. 44). Portanto, essas pessoas foram submetidas às condições de trabalho na colônia de São Domingos no benefício da sua metrópole, a França. No entanto, o quadro mostra que foi um processo generalizado na América pelos países possuidores de colônias no Novo Mundo, dada a quantia de africanos que foram transportados para as Américas como todo.

Se, é verdade que outros povos foram vítimas, de uma vez ou outra da história, de uma opressão violenta que lhes impunha uma condição de escravo, como ameríndios, são principalmente os africanos que, no período moderno, foram reduzidos à escravidão e deportados em massa pelo tráfico sistemático para outros continentes. O tráfico de “escravos”, do qual se podia escrever que fora uma hemorragia sem fim, esvaziou o continente africano de uma parte importante de suas forças vivas, porque são os mais jovens e robustos que geralmente foram removidos de seu país. Nesse período é evidente que a organização da economia de plantation foi desenvolvida nas colônias graças a essa mão de obra servil. Nesse sentido, os países europeus envolvidos nesse movimento atribuem, imenso interesse às rotas comerciais e ao comércio africano como um todo. Isso é demonstrado pelas empresas comerciais que os mesmos fundaram como as companhias das índias ocidentais.

O mapa 3 evidencia como ocorre o comércio triangular no Atlântico entre os séculos XVI e XVIII, considerado por Braudel (1996), como motor do sistema economia-mundo que envolve, como veremos, mais adiante, um fragmento da economia mundial. Com efeito, o comércio triangular funciona da seguinte maneira: os navios europeus são carregados de mercadorias (roupas, armas e álcool) e deixam os portos da Europa Ocidental a caminho da costa da África Ocidental; depois os portugueses, espanhóis, franceses, ingleses e holandeses passam a comercializar e traficar seres humanos, os “escravos”. Ou seja, são mercadorias ou são obrigados ao trabalho e degradação por via da força. Além do mais, são cruelmente, em um sistema “legítimo” à época, afastados e arrancados dos seus lugares de origens. Em seguida, a dinâmica colonizadora atravessa o Atlântico em direção as Américas, onde os africanos são vendidos e escravizados em áreas coloniais. Finalmente, os navios são carregados de produtos coloniais (ouro, prata, açúcar, tabaco, cacau, café), e regressam à Europa Ocidental para serem

comercializados no mercado europeu. Os portos da costa atlântica europeia, mas, sobretudo, o de Marselha conhecia certo boom econômico no século XVIII, graças a essa forma específica de comércio.

Mapa 3 – Rotas comerciais e o comércio triangular no século XVI e XVIII



Fonte: AMILTON, 1983. Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/631700285207635972> Acesso e adaptado pelo autor, em 5 de jun. de 2019.

Com efeito, Fernand Braudel na sua leitura do desenvolvimento do capitalismo comercial distingue economia mundial de economia-mundo. Segundo o autor, a economia mundial se refere ao mercado que se estende por todo o planeta, enquanto economia-mundo envolve apenas um fragmento dele, mas é capaz de “bastar a si próprio e ao quais suas ligações e trocas internas conferem certa unidade orgânica” (BRAUDEL, 1996, p. 12). O autor analisa, nesse sentido, várias economias-mundo ao longo da história do capitalismo para depois apresentar suas quatro principais características: são de longa duração temporal; têm limites definidos; possuem um centro econômico; e seu espaço de atuação é hierarquizado (BRAUDEL, 1996).

Na periferia do sistema capitalista em formação estão as colônias de populações escravas, ou não coloniais cujas economias são dominadas por grupos ligados aos centros estrangeiros, chamados por Braudel de “falsos governos” (BRAUDEL, 1996). Nessa dinâmica da economia-mundo, apoiando nas reflexões desse historiador francês, podemos dizer que, na

relação econômica que foi estabelecida entre a França e sua antiga colônia o Haiti fazia com que o porto da cidade de Nantes tem sido o grande porto do comércio humilhante de “escravos”. Isso do ponto de vista moral. A cidade de Bordeaux, por sua vez, foi o grande porto de produtos coloniais na França. Le Havre e La Rochelle surgem em seguida, pois, os comerciantes franceses se beneficiam do sistema colonial exclusivo ou do pacto colonial, no sentido de a colônia estar à serviço da metrópole. Ou seja, a colônia só pode comercializar unicamente com a sua metrópole com os preços definidos por ela mesma. Como aponta Milton Santos (1979, p. 40), durante as primeiras fases da colonização o impacto da divisão do trabalho internacional sobre a organização do espaço é facilmente distinguível. A demanda proveniente do centro do sistema, assim como a sua resposta-demanda na periferia, é direta e indiretamente marcada na sociedade, na economia e no espaço.

No decorrer da história do capitalismo, muitos historiadores e economistas, pertencentes a várias tendências, tentaram determinar como esse tipo de comércio, a partir da exploração do trabalho escravo, poderia estimular ascensão da “civilização tecnológica”. Esses estudos mostraram claramente a contribuição decisiva do tráfico de “escravos” para o desenvolvimento industrial e comercial dos países que entraram na era da expansão capitalista e, conseqüentemente, sua influência nas instituições socioeconômicas e políticas da Europa e da América do Norte. Nas palavras de Marx (1988), por exemplo, o comércio triangular foi então, considerado como um ramo do comércio que contribuiu para a prosperidade nacional, como o “primeiro princípio e base de todos os demais, a mola principal da máquina que coloca todas as outras rodas em movimento”. Desta maneira, foi especialmente no século XVI que Marx (1988, p. 769), pensou quando disse que a África havia se transformado em um labirinto para a caça dos negros. Dentro desse movimento mostraremos, mais adiante o papel da cidade de Porto Príncipe na economia da França e da Europa como todo.

3 O papel da cidade de Porto Príncipe no processo de acumulação primitiva do capital

No contexto do processo de acumulação primitiva do capital e da expansão do capitalismo europeu na América, e, o da França, em particular, desenvolve em São Domingos, o atual Haiti, um modo de produção baseada na economia de plantation (TOMPSON, 1935). Nesse sentido, a França sente, de algum modo, a necessidade da criação de uma capital administrativa; apesar de que os governadores da colônia residirem sucessivamente e tradicionalmente no Cabo Francês (hoje Cabo-Haitiano), em 1675, em Petit-Goave desde 1737.

Entretanto, em nenhuma dessas cidades foi definitivamente escolhida para ser a capital da colônia (DEVAUGES, 1954, p. 107).

Dentro dessa dinâmica, São Domingos conhece, no século XVIII, um surto de crescimento econômico em que se torna a mais rica colônia da América. É com essa prestigiosa reputação de São Domingos, o atual Haiti, a cidade de Porto Príncipe é fundada, em 13 de junho de 1749, como a capital da colônia em uma posição central e estratégica que esse processo se opera (HOLLY, 1999, p.18), posto que se demanda uma logística econômica que almeja a ligação direta junto aos portos franceses do outro lado do Oceano Atlântico no século XVIII, onde a França garante a grande parte das suas riquezas; como mostraremos mais adiante no presente artigo.

Dessa maneira, as estruturas dominantes do espaço de Porto Príncipe são orientadas pelas principais influências internacionais, dependência colonial, principalmente, no século XVIII, as principais relações são formadas com a França (ANGLADE, 1982). Os objetivos e os meios para consegui-los são controlados pela metrópole, que assegura a exploração intensiva dos recursos através da administração direta e da soberania econômica e política da ilha.

Nas colinas, como nas planícies, milhares de moradias, grandes ou pequenas, estão individualmente ligadas a um porto de embarque para a exportação de seus produtos para o expedidor com quem lida com França. A organização do espaço é composta por milhares de fluxos independentes que ligam as unidades de produção aos seus portos de embarque espalhados ao longo da costa. Segundo Anglade (1982, p. 29) São Domingos no final do século XVII era a justaposição de 5.000 plantations, cada uma diretamente conectada à França por um caminho, um porto, um barco. A cidade colonial de Porto Príncipe era o lugar de trânsito dos produtos, sede do guardião de administração, segunda casa de proprietários de colonos e de todos os grupos sociais atuando no trabalho livre que vivem fora de uma plantation, fora das normas coloniais impostas aos sujeitos submetidos à escravidão na colônia.

Mapa 4- Plano da cidade de Porto Príncipe em 1787



Fonte: APDR, 1787. Disponível em <https://www.raremaps.com/gallery/detail/48984/plan> Acesso em 5 de nov. de 2018.

O mapa 4 fornece detalhes da organização espacial da cidade histórica de Porto Príncipe com a topografia detalhada: estradas, edifícios, fortificações, várias praças públicas. Observa-se, também, portos comerciais no litoral a partir dos anos de 1780. Como indicado pela rosa dos ventos, o mapa é orientado para o oeste, com o norte para a direita. As autoridades francesas fundam a cidade de Porto Príncipe com o objetivo de torná-la a nova capital da sua colônia, posto que mais significativa em termos de atividades comerciais. São Domingos, atual Haiti, é a mais rica propriedade-colonial da França no mundo ocidental (ALEXANDRE, 1993).

Doravante, levamos em consideração, vale destacar, que a França possui vários portos muito ativos na colônia; cidades costeiras tais como: Petit-Goave, Miragoâne Cap- Français, St Marc, Cayes, Jacmel e Jérémie. Essas cidades são moldadas e concebidas através de uma função tripla: administração, comercialização de produtos coloniais e residência (HECTOR, 1990). Em vista dos vários planos geopolíticos estabelecidos no final do século XVIII é notável que a cidade colonial exprima em suas estruturas o destino econômico atribuído à colônia. Desse modo, a cidade de Porto Príncipe atesta, e torna-se um ícone de análise, no que tange ao entendimento das preocupações comerciais envoltas nas dinâmicas geopolíticas entre colônia e metrópole. Portanto, a cidade é fundada a partir de um objetivo essencialmente comercial, dito de outro modo, para ser o local de trânsito de commodities provenientes das plantations da

colônia despachados em direção à metrópole por meio do comércio triangular; no âmbito do processo de acumulação primitiva do capital como nos lembra Karl Marx (1818-1883).

Nesse sentido, segundo Jean Pierre (1985), Alexandre (1993) e James (2007), em 1790, São Domingos, atual Haiti, torna-se o maior produtor mundial de açúcar, tendo a reputação à época de ser o produtor do melhor açúcar do mundo; porque, a partir de 1730, os produtores passam da produção bruta para fina, ou refinada, daquele açúcar considerado e apreciado como o da melhor qualidade no mercado europeu. Essa produção torna-se maior a partir da década de 1750, posto que o custo de um forte investimento financeiro e tecnológico é demandado. Portanto, o sucesso dessas produções é ampliado no final do século XVIII, com a crescente demanda europeia por açúcar e produtos como o café; por serem considerados pelos comerciantes como os melhores produtos coloniais alimentadores do mercado europeu.

Para isso, em meio a uma economia e dinâmica social escravocrata, a colônia de São Domingos, atual Haiti, experimenta uma primeira forma de exploração capitalista de tipo moderna, exemplificado através do uso de maquinários no processo produtivo; de processamento de cana-de-açúcar (JEAN PIERE, 1985). Isso pode ser evidenciada pela maquinaria que é usada no processamento da cana-de-açúcar, onde para aumentar o rendimento fabríco-industrial-comercial são usadas novas tecnologias, como as trações de animais e de escravizados, bem como uma técnica muito importante que é o túnel pela estocagem do caldo de cana para que em seguida se opere o processo de fermentação. As tecnologias relacionadas com a produção do açúcar estão diretamente relacionadas com o modo de produção da plantation de cana e da técnica da purificação de açúcar.

Segundo Jean Pierre (1985, p. 140), os métodos de cultivo e transporte de cana, extração e refino atraem a atenção de São Domingos, atual Haiti. O experimento se projeta para as demais colônias francesas e possessões britânicas, as quais vivem também aqui da produção de açúcar. A adaptação e a criação de tecnologias na colônia são projetadas e exportadas para os circuitos asiáticos, mediterrâneo e depois junto às colônias portuguesas, como na ilha de Madeira e em São Tomé; ou espanholas, como as Ilhas Canárias.

Além disso, como já mencionamos anteriormente, o porto internacional da cidade Porto Príncipe, era o lugar de desembarque e venda de “escravos” entre 1503 a 1803 que foram explorados nas plantations da colônia. Atualmente não existe mais o comércio de “escravos” no centro histórico da cidade que durou 300 anos (1503-1803), mas o local manteve seu propósito original como um espaço de comércio popular e de troca. Portanto, este espaço faz parte do patrimônio histórico do Haiti como um lugar de memória, este o ponto de venda de

“escravos” na colônia de São Domingos para traçar a rota dos africanos que foram escravizados no Haiti.

Nesse sentido, São Domingos, atual Haiti, no final do século XVIII passa a ser conhecido como “Pérola das Antilhas”; isso devido a seus 793 hectares de lavouras de açúcar, o que faz da colônia a maior produtora de açúcar do mundo. Essa antiga colônia francesa, também, ocupa o primeiro lugar em relação à produção de outras culturas tropicais, exemplificado aqui em seus 3.150 hectares de terras cultivadas de índigo; ou por meio dos seus 789 hectares de lavouras de algodão; ou ainda por meio dos seus 2.117 hectares de terras cultivadas de café, além de inúmeros hectares de lavouras de cacau e de tabaco (DORSAINVIL, 1934); (JAMES, 2007); (JOACHIM, 1979); (JEAN PIERRE, 1985).

A colônia de São Domingos tinha, como temos demonstrado, grande importância econômica para a França, já que a cada cinco franceses um é diretamente dependente do mercado colonial, e um a cada oito vivia dos recursos da colônia (JEAN PIERRE, 1985, p. 145). A colônia se relacionava, nessa direção, com sua metrópole mais do que toda a América espanhola junta. Desse modo, se cada colônia desenvolve uma economia específica em virtude da associação de suas peculiaridades geográficas, a demanda do mercado internacional é para São Domingos caracterizada e concebida através das dinâmicas da geoeconomia implicadas a partir da ideia de plantation.

Com efeito, esse tipo de modelo econômico refere-se a uma estruturação específica do território em monocultura (TOMPSON, 1935). Dessa maneira, o espaço urbano é racionalmente concebido e organizado com o objetivo de promover o crescimento econômico da colônia. Nessa perspectiva, a cidade de Porto Príncipe, como capital da colônia, ordena as atividades comerciais da ilha voltando-as para esse porto comercial internacional devido a sua localização estratégica (HOLLY, 1999). Nesse sentido, no seu livro *Les racines du sous-développement en Haiti*, Benoit Joachim (1979), argumenta o seguinte:

Enquanto a exploração da terra e dos homens na colônia de São Domingos, atual República do Haiti, havia contribuído a enriquecer a burguesia francesa e acelerado o desenvolvimento do capitalismo na metrópole, em contrapartida o povo que sucedeu aos escravos cujo trabalho pesado havia permitido essa acumulação do capital na metrópole herdou apenas de solos desgastados, superfícies em grande parte carbonizadas, escombros por fim (JOACHIM, 1979, p. 87).

Já Roland Devauges (1954), sinaliza que desde o final da década de 1780 mais de 1.200 navios franceses aportam anualmente na colônia, principalmente, em Porto Príncipe. A colônia de São Domingos, atual Haiti produz 40% de toda a produção mundial de açúcar (80.000 t/ano) e 60% da produção mundial de café (40.000 t /ano) no final do século XVIII. Todos são

dedicados à exportação (Ibidem, p. 197). Portanto, no período da colonização francesa, o maior produtor mundial de açúcar, ou seja, São Domingos, atual Haiti, torna-se a principal colônia e um dos pilares do poder econômico da França na Europa e, também, na América; onde frotas inteiras de navios direcionam-se e interligam-se com a cidade de Porto Príncipe.

Em síntese, a posição estratégica (HOLLY, 1999) da cidade orienta, de algum modo todo um a economia-mundo na economia mundial: como podemos perceber pelo comércio de tonéis de açúcar, sacas de café, fardos de índigo e de outros produtos que rumam em direção à França em uma dinâmica de competição que se espalha por todo o Caribe e o Oceano Atlântico. Tudo isso coordenado por França, Inglaterra, Espanha e Holanda. Assim, na véspera da Revolução Francesa, ocorrida, em 1789, os grupos dominantes da vida econômica e política de São Domingos, atual Haiti, estão divididos socioeconomicamente em castas de grandes senhores de escravos e ricos aristocratas que estão inseridos no grande comércio mundial, sendo, dependendo do ângulo de análise, aliados e/ou rivais da burguesia nos portos (DORSAINVIL, 1934). Tanto os grupos do outro lado do Atlântico, como os da colônia, além dos grupos de artesãos, comerciantes, mercadores, atuam junto ao trabalho livre; competiam diretamente entre si pelo domínio do comércio, sendo que a grande, não podemos deixar de destacar, massa dos escravizados buscam, nessa situação, os ares da liberdade; sendo esse o ponto ético-humanitário demandado e reivindicado socialmente no interior das dinâmicas coloniais.

Nesse sentido, segundo Michel Hector (1990), é nesse contexto de boom econômico e de contradições sociais entre grupos que atuam no trabalho livre pelo controle das atividades econômicas, do comércio, da força de trabalho escravo, portanto, os sujeitos colocados em situação de escravidão, alimentam e recriam as relações sociais de trabalho ali estabelecidas. Essa conjuntura política-econômica-social-cultural “deterioram” a colônia, a tal ponto que, no final do século XVIII, observamos que o clima político em São Domingos, atual Haiti, se apresenta verdadeiramente explosivo, resultado do ressentimento mútuo e do ódio acumulados por mais três séculos; onde cada grupo social tenta, de algum modo, apresentar as suas próprias reivindicações; tanto na França quanto na colônia.

Na França, em 1789, a monarquia absoluta e as estruturas socioeconômicas resultantes do feudalismo estão em contradição com a ascensão da burguesia. Desse modo, para as classes trabalhadoras, a crise econômica que está presente há anos se reflete no aumento dos preços, desemprego e a questão fundiária. Além disso, o Estado está enfrentando uma grave crise financeira. Os conflitos sociais nas cidades e no campo estão aumentando, ao mesmo tempo, a

burguesia espera reformas, constituição, direitos iguais; liberdades individuais e políticas (ALEXANDRE, 1993). Basicamente, nessa direção, a burguesia francesa quer sacudir o jugo feudal para alcançar a liberdade econômica total. Para resolver o problema financeiro, os Estados Gerais foram convocados em 5 de maio de 1789. Por conseguinte, os eventos que se seguiram permitiram que a burguesia ganhasse poder político e levasse à mobilização da classe trabalhadora, levando a uma radicalização do processo revolucionário.

Na colônia de São Domingos, atual Haiti, por sua vez, circulam as ideias da Revolução Francesa emergindo, pois, demandas que apontam para uma valorização de sentimento de rebelião; não sendo a colônia uma simples extensão territorial da França. A colônia, arrematando a argumentação, tinha as suas dinâmicas próprias em termos de contradições entre grupos que compõem a sua pirâmide social (JEAN PIERRE, 1985). Por conseguinte, e a partir daí uma série de movimentos de revolta em São Domingos, atual Haiti, que são conduzidos pelos escravizados e descendentes de escravizados que pegam em armas com o objetivo de destruir e transformar revolucionariamente a sociedade escravocrata de economia de plantation. Esse evento (SANTOS, 1996), político-social foi o esteio para a emergência de uma revolução anticolonialista, antiescravagista. Contudo, o processo revolucionário qual seja, não é objeto deste artigo em questão.

Todavia, cabe salientar que a Revolução e a Independência Haitiana de 1804, de alguma forma, foram à sua maneira a mais radical por colocar em questão o capitalismo na sua fase comercial dentro da sua lógica, simbólico-ideológica e moral. Por isso, essa Revolução singular consiste em levantar bandeiras do respeito da dignidade humana e de um agir moral que alcança os direitos fundamentais dos seres humanos de forma *avant la lettre!* Portanto, recusando de serem considerados como mercadorias coisificadas que se vendem e se que compram dentro do chamado processo de acumulação primitiva do capital para se tornar cidadãos a partir de 1804, os haitianos fazem-se presente por meio da sua contribuição sociopolítica junto à história global da emancipação do Homem, especialmente, o Homem Negro e a Mulher Negra; enfatizando, de formas variadas, os seus direitos políticos, socioeconômicos e culturais perante a sociedade contemporânea. Dito isso, a Revolução Haitiana ilumina toda humanidade sobre o respeito dos Direitos Humanos, no sentido de dar a dimensão universal aos Direitos Humanos se referirmos à Declaração de 1789. Entretanto, somente em 1948, isto é, após mais de 150 anos do fim da escravidão no Haiti que a Organização das Nações Unidas (ONU) foi criada e promulgou a Declaração Universal dos Direitos Humanos.

Isso é demonstrado na Carta da ONU, em seu Art. 1º estipula que “todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e direitos. Eles são dotados de razão e consciência e devem agir em relação umas às outras com espírito de fraternidade. Artigo 3 primeira pedra angular da Declaração, proclama o direito à vida, o direito à liberdade e do direito à segurança da pessoa, direitos que são essenciais para o gozo de todos os outros. Este artigo introduz os artigos 4 a 21, que estabelece outros direitos civis e políticos e incluem que ninguém será mantido em escravidão ou servidão, que ninguém será submetido à tortura nem a penas ou tratamentos cruéis, desumanos ou aviltantes, que todos têm o direito ao reconhecimento em toda parte como uma pessoa legal; que todos têm o direito a um recurso efetivo perante os tribunais; que ninguém arbitrariamente não pode ser preso [...] detido ou exilado (ONU, 1948) ”.

4 Considerações finais

Enfim, este artigo teve como objetivo analisar a inserção da cidade de Porto Príncipe na economia mundial durante o processo de acumulação primitiva do capital. Tudo isso, durante o período de colonização da América, em particular, do Haiti que foi baseado no modelo econômico específico, a plantaion. Esse processo acompanhou de todos os tipos de violência tanto, na Europa, centro do capitalismo como na África e na América o que faziam com que, em 1492, sob o signo de dominação como periferia explorada na fase do capitalismo mercantil-comercial transformou, esse último continente, em especial, o Haiti em um espaço de turbulência e de desequilíbrio entre o homem e a natureza.

A exemplo, o desembarque dos europeus como já vimos neste trabalho, em 5 de dezembro de 1492, na ilha que resultou com a eliminação sistemática dos Arawaks e Taínos pelos espanhóis no início do século XVI. Além disso, houve a introdução da escravidão no Haiti pelos espanhóis que foi fortalecido sob a colonização francesa em que os colonizadores franceses fundam a cidade de Porto Príncipe, em 1749, por razões geopolítica, econômico-comercial e estratégica própria à dinâmica colonizadora entre a colônia e a metrópole. Dentro da ideia do espaço de turbulência e desequilíbrio entre o homem e a natureza sinalizamos, a maior derrota europeia (francesa) na América, especialmente, durante guerra da independência do Haiti, em 1804, isto é, em termos materiais, políticos e, sobretudo, simbólico-ideológicos. Desta forma, por seu antagonismo à ordem estabelecida entre os séculos XV e XVIII cremos, de algum modo, que o Haiti é malvisto pelas potências colonialistas, escravagistas e racistas ocidentais até hoje.

Portanto, este artigo faz ver, a inserção da cidade de Porto Príncipe na economia-mundo durante o processo da colonização europeia da América, especialmente, do Haiti pela França no âmbito do processo de acumulação primitiva do capital. Nele desvendamos que o comércio de seres humanos “escravos”, a colonização e o trabalho escravo são importantes para o desenvolvimento do capitalismo industrial no século XIX, na Europa e, em particular, na França. Por conseguinte, o artigo em questão é uma contribuição para uma reflexão sobre uma prática degradante, contrária aos direitos mais básicos dos seres humanos no capitalismo que pretendia ser um “sistema civilizatório” que na verdade, a nosso ver, se fracassou na medida em que a exploração da natureza, do espaço e, principalmente, a força de trabalho do homem passa a ser a forma privilegiada para acumulação do capital e ampliação do seu lucro. Consequentemente isso (re)produz, a alienação do homem, a violência em todas as suas formas, sobretudo, a desigualdade social como um dos fundamentos desse sistema.

Referências bibliográficas

ALEXANDRE, S, W. **Haïti au XVIII siècle Richesse et esclavage dans une colonie française**. Editions Karthala, Paris, 1993.

ALFREDO, A. **A crítica materialista e metafísica social sob as modernizações do capital**. Academia. edu, São Paulo, 2015.

ANGLADE, G. **Atlas critique d’Haiti**. ERCE & CRC. Montreal, Université de Montréal, 1982.

BRAUDEL, F. **Civilização material, economia e capitalismo: séculos XV-XVIII - os jogos das trocas**. Editora, WMF Martins Fontes, São Paulo, 1996.

COLIN, A. R. **História ilustrada da Ciência da Universidade de Cambridge: Da Renascença à Revolução Científica**. V. III. Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1987.

DEVAUGES, R. **Une capitale antillaise: Port-au-Prince**. Les Cahiers d’Outre-Mer Bordeaux, 1954, pp. 105-136.

DORSAINVIL, J, C. **Manuel d’Histoire d’Haiti**. Ed. F.I.C. Port-au-Prince, 1934.

FRANÇA. **Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão**, Paris, 1789. Disponível em: https://www.quelsdroitsfacealapolice.be/IMG/pdf/ddhc_1789-08-26_fr.pdf. Acesso em 8 de jun. de 2019.

HECTOR, M et al. **Colonisation et Esclavage en Haiti: Le regime colonial français à Saint-Domingue (1625-1789)**. Port-au-Prince et Montréal: Éd. Deschamps et CIDIHCA, 1990.

JEAN PIERRE, J. R. **La Révolution anti-esclavagista et anti-colonialista de Saint-Domingue (1791-1804)**. Éd. Imprimerie Dechamps. Port-au-Prince, 1985.

JOACHIM, B. **Les racines du sous-developpement en Haiti**. Ed. Imprimerie Deschamps, Port-au-Prince, 1979.

LACOSTE, Y. **A geografia – isso serve, em primeiro lugar para fazer guerra**. Ed. Papirus, Campinas, SP, 1985.

MARX, K. **O Capital: Crítica da Economia Política**. 3 livros, 5 vol. Ed. Abril Cultural, São Paulo, 1988.

ONU. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. Disponível em: https://www.ohchr.org/EN/UDHR/Documents/UDHR_Translations/por.pdf. Acesso em 10 de jan. de 2019.

SANTOS, M. **Espaço e Sociedade**. Petrópolis: Vozes, 1979.

_____. **Ensaio sobre a Urbanização Latino-americana**. 2ª ed. Edusp, São Paulo, 2010.

_____. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 6ª. ed.: Record. São Paulo, 2001.

_____. **A Natureza do Espaço. Técnica, Razão e Emoção**. Hucitec, São Paulo, 1996.

Sites consultados

1. ftp://geofp.ibge.gov.br/cartas_e_mapas/ em 20 de out. de 2018.

2. <https://jcb.lunaimaging.com/luna/seLa-Figure-des-Moulins-a-Sucre>. Acesso em 04 de dez. de 2018.

3. http://www.printsellers.com/product_info.php?cPath=33_178_68&products_id=732&osCsid=ac9299248e6b8b55ad312e1fa8b4bdaa Acesso em 5 de jun. de 2019.

4. <https://www.raremaps.com/gallery/detail/48984/plan> Acesso em 6 de jun. de 2019.

5. <https://br.pinterest.com/pin/631700285207635972/visual-search/?x=0&y=6&w=530&h=480>. Acesso em 7 de jun. de 2019.

6. http://www.ihsi.ht/produit_demo_soc.htm. Acesso em 7 de jun. de 2019.